

arquitetura



urbanismo

ano 2

nº 5

abril 86

PINI
EDITORA



liberar as catedrais

GYPsalum. DE LONGE, O MELHOR FORRO QUE EXISTE.



DE PERTO, TAMBÉM.



QUANDO VOCÊ VÊ UM AMBIENTE DECORADO COM GYPsalum, LOGO PERCEBE QUE É UM FORRO DE CLASSE. OLHANDO MAIS DETALHADAMENTE, VOCÊ CONSTATA QUE GYPsalum TEM ACABAMENTO DE PRIMEIRA. NOS MÍNIMOS DETALHES.

AGORA, NA HORA DE ESCOLHER UM FORRO, ESCOLHA O QUE ESTÁ MAIS PRÓXIMO DA PERFEIÇÃO: GYPsalum. DOS OUTROS, É BOM VOCÊ MANTER DISTÂNCIA.

GYPsalum
UM FORRO PRÁTICO E BONITO ACIMA DE TUDO

ESCRITÓRIO: RUA TERMÓPILAS, 119 - GRUPO 06 TEL.: 241-2344 - SP

EDITORA PINI LTDA.

Diretores: Medea Pini, Sérgio Pini, Afonso Pini, Fausto Pini F., Laura M. Pini Sapata, Silvana Pini e José Roberto Pini.
Roberto L. Pini (1948-1966)
Fausto Pini (1948-1967)



Redação

Diretor Responsável: Sérgio Pini.
Diretor de Redação: Mário S. Pini.

Editores: José Wolf (editor-geral), Haifa Y. Sabbag e Livia Alvares Pedreira.
Redatora: Gabriela Marinho.
Fora de Prumo: Roberto Negreiros
Correspondente (Argentina): Laila Y. de Massuh.

Produção Gráfica: Alessandro Ribeiro e Patricia Negreiros.

Arte: Eleusi O. Zambrotti.

Fotografia: Wanderley Bailoni e Marcos Bailoni.

Revisão: Alzira Hissail e Mara Gama.

Documentação: Márcia Melkan e Sonia Fernandes.

Videotexto

Edição: Mário S. Pini.
Edição Técnica: Fábio Pini.
Operação: Márcia Melkan Paiva.

Pesquisa, análise de sistemas e processamento de dados:

Pini Sistemas S/C Ltda.

Publicidade

Diretor: Afonso Pini.

Sector Agências: Ricardo Bertagnon (gerente), Jaime de Mattia Jr. (supervisor), José Roberto de Queiroz e Valdir L. Pavan.
Sector Diretos: Luiz Carlos Fernandes de Oliveira (gerente), Armando d'Ecclesiis, Américo C. Santos, Laudísio Michelini, Jovert Nunes Freire, Silvio Luiz Carbone, Ricardo Braga e Antonio Carlos Pereira.

Secretária: Rita de Cássia Acuña.

Sucursais: Abílio Antunes Marques Filho (gerente geral).

Criação: Enes Félix Pereira (SP).

Circulação e Livros:

Diretor: Afonso Pini.

Gerente: Abílio Antunes Marques (Sucursais).

Administração

Diretor: José Roberto Pini.

Diretor Financeiro: Laura M. Pini Sapata.

Assistentes Administrativos: Aparecida Maranhão, Jane Henrique, Armando Góia e Delmo de Oliveira.
Cadastramento: Clarice Rocha, Cristina G. Oliveira e Cleusa P. Castro.

Consultoria Jurídica: Antonio Conte Filho e Victor Averbach.

Departamento Industrial

Diretor: Fausto Pini F.

Fotolitografia: Osvaldo Trindade e José P. Silva.
Montagem: Wilson T. Pinto e Celso Luiz Pitta.
Composição, Impressão e Encadernação: Francisco Antonio Sapiens (coordenador).
Endereço: Pini Sistemas S/C Ltda.
Expedição: José A. Ancelmo Peixoto (assistente).

Publicidade, Administração, Redação e Oficinas

Rua Anhaia, 637, fone: 221-5811
PABX - Cep 01130, São Paulo, Telex (11) 37803 PINI.

Assinaturas e Livros:

Rua Anhaia, 639, fones: (011) 220-0262, 220-1532 e 222-5337, SP.

SUCURSAIS

Rio de Janeiro, RJ: rua da Ajuda, 35, 17.º andar, fones: KS 222-9774 e 224-8731

Brasília, DF: Edifício Serra Dourada, SCS, 3.º andar, s/304, Publicidade: fones: 225-0696 e 225-0691.

Livros e Assinaturas: fone: 224-4471.
Belo Horizonte, MG: rua Araguari, 756, fone: 335-6811

Porto Alegre, RS: rua Vigário José Inácio, 295, 3.º, c.j. 306, fones: 21-3031 e 21-3233.

Curitiba, PR: rua XV de Novembro, 591, 5.º andar, Publicidade: fone: 222-2563.

Livros e Assinaturas: fone: 232-5074.
Salvador, BA: rua do Cabeça, 10, 8.º, s/801/2, fones: 243-6258 e 243-7790.

Recife, PE: rua Bulhões Marques, 19, 5.º andar, s/512.

Publicidade: fone: 221-4124.
Livros e Assinaturas: fones: 221-3041 e 231-2369.

Fortaleza, CE: rua Guilherme Rocha, 253, 11.º, c.j. 1.106, Publicidade e Assinatura: fones: 221-5670 e 221-5879.

Belém, PA: rua 13 de Maio, 191, Edifício Marc Jacob, 6.º andar, c.j. 601, fones: 222-9185 e 225-2403.

Campo Grande, MS: fones: 624-7393/1425.

Manaus, AM: fone: 234-3030.

Representantes:

Santos, SP: Mário Mendes, Jornais e Revistas, av. Senador Feijó, 138.

EUA: South American Advertising - 1 Penn Plaza, Suite 100, New York, NY 10119 e 1350 N.W. 18 th Avenue, Miami, FL 33125, Telex: 619267 (Southamadv).

Arquitetura e Urbanismo

Revista bimestral

Composta e impressa nas oficinas gráficas da Editora Pini Ltda.
Rua Anhaia, 964, fone: (011) 221-5811, 01130, São Paulo, SP, CGC n.º 60.859.519/0001-51.

Fotocomposição:

Bandeirante S. A. Gráfica e Editora

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS. PROIBIDA A TRANSCRIÇÃO PARCIAL OU TOTAL.

Tiragem: 17.000 exemplares.

Exemplar avulso	Cr\$ 54,00
Exemplar atrasado	Cr\$ 58,00
Assinatura anual	Cr\$ 180,00

Quando a sociedade brasileira atravessa tantos desafios surge esta edição especial da AU sobre ensino. A intenção editorial é enriquecer o debate entre os profissionais de Arquitetura e Urbanismo para a conquista de um ensino vinculado às aspirações e inquietações de um país mutante. Portanto, um debate permanente que não se esgota na elaboração factual de um projeto ou lei.

nesta edição

ARTIGAS	
que catedrais...	11
debate interrompido	17
REENCONTRO	
Lúcio Costa	18
Darcy Ribeiro	22
Sylvio Sawaya	25
Kneese de Mello	28
PONTO/CONTRAPONTO	
espaço da utopia	31
momento da razão	36
DEBATE	
abrir portas...	38
muito além do currículo	41
AMÉRICA LATINA	
Cuba	42
Roberto Segre	48
ESPAÇO ABERTO	53
FORA DE PRUMO	74



Capa: catedral de Toledo, Espanha (foto: Mário S. Pini)

Completando, a luta de uma escola que, apesar de jovem, procura manter o sonho, sem perder de vista o real: a EAU de São Carlos, SP. Participam deste segmento, os professores, *Agnaldo Faria*, coordenador da Graduação; *Carlos Martins*, da disciplina História da Arquitetura; *Gelson Almeida*, de Introdução à Arquitetura e *Azael Camargo*, coordenador de Pesquisa da Pós-Graduação.

momento da razão

texto (e entrevista): Gabriela Marinbo

O mergulho político-existencial feito nas décadas anteriores pelos grandes nomes da Arquitetura brasileira se traduz em uma questão crucial para as novas gerações de professores. Como sublimar as experiências que, partindo de Artigas e passando por Sérgio Ferro, deveriam apresentar respostas para uma realidade que emerge cheia de promessas, esperanças e exigências?

A criação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual de São Carlos se efetiva oficialmente em 1985, mas sua gestação se dá no contexto dessa pergunta e na busca de sua resposta.

Nascida como idéia na ebulição dos anos 60, ela atravessou a década seguinte alimentada pelos que permaneceram de alguma forma ligados à Escola de Engenharia de São Carlos. Tanto no departamento de Arquitetura e Planejamento, quanto no primeiro curso de pós-graduação de Arquitetura do Brasil, criado em 1973 e que, não por acidente, surgiu antes da graduação.

Essa implantação numa sequência aparentemente ilógica acontece como decorrência do processo político que, apesar do exílio forçado a que submeteu alguns dos seus articuladores, não sufocou o desejo de fazer nascer um curso de Arquitetura numa escola marcadamente tecnológica.

Latente, a idéia foi retomada em alguns momentos na década de 70. Em 1977 é aprovado pelo CFE, mas por injunções internas e externas só se concretiza no ano passado. Diante da disposição oficial de finalmente bancar o curso, surgiram as primeiras questões.

Era preciso montar um curso para formar arquitetos com um horizonte profissional multifacetado cuja realidade deverá abrigar cada vez mais elementos díspares como o desemprego, a informática, o mundo eletrônico, o ano 2000.

Montar um curso que sem formar mais desempregados preparasse uma mão-de-obra qualificada não apenas tecnologicamente mas também enquanto ser social e pensante.

Que projeto poderia ser forjado para dar sustentação a esses questionamentos?

A resposta passa pela reflexão, quando fazer ciência é perguntar

O privilégio de estruturar uma nova graduação de Arquitetura, numa escola pública e de prestígio com forte conteúdo tecnológico, encravada numa cidade que com cerca de 150 mil habitantes desponta como pólo de desenvolvimento econômico e científico só fez aumentar a responsabilidade do núcleo inicial, afirmam os professores que participaram do processo.

O ponto de partida para a elaboração da estratégia pedagógica foi o reconhecimento da falência de um ensino estruturado no tripé convencional: projeto, desenho e história. Modelo implantado a partir da reforma de 62 na FAUUSP e reproduzido pelas escolas brasileiras.

Se competia fazer diferente, o que fazer, então?

O momento seguinte foi da opção pela interdisciplinariedade. Uma estratégia que a muito custo o professor Siegbert Zanettini conseguiu implantar em alguns períodos da FAUUSP, mas que sofre ali as limitações pela não-adesão maciça que o projeto exige.

A exigência de uma concepção de ensino que se dá pela abordagem da Arquitetura de maneira global e não em fragmentos. Projeto, desenho e história são três momentos de um mesmo objeto e devem ser trabalhados enquanto tal.

Essa é a tese, mas como efetivá-la?

Através de um trabalho infernal, atestam. Onde tudo é discutido, desde o conteúdo de cada disciplina até sua abordagem em sala. Estruturar uma visão de conjunto que deve ser repassada não como obra do acaso, mas num esforço do curso. Uma estratégia onde o aluno aprende, interage e responde sobre um conteúdo que ele percebe no todo e em suas particularidades.

Didaticamente o curso foi estruturado em quatro áreas: Ciência e Tecnologia, Linguagem Representativa, Teoria Histórica e Projeto, sem que



Agnaldo Faria



Carlos Martins

a última seja a espinha dorsal que sustenta as demais. Não há a estruturação do Planejamento Urbano enquanto um grande grupo que, soberano, reine ao lado do ateliê, exemplificam. Nessa concepção, a noção de urbanismo é mais precípua que a de planejamento.

Um passo, depois outro

Dentro dessa estratégia, com que conteúdo se depara o estudante do primeiro ano na disciplina História da Arquitetura, por exemplo? Em um curso convencional, possivelmente com a história da Babilônia, respondem. Em São Carlos, com a Moderna Arquitetura Brasileira, sua articulação com o conceito de modernidade e a produção internacional que vai remontando as décadas e séculos anteriores.

O que distingue essas duas abordagens é o móvel de toda a estratégia pedagógica que vem sendo montada. Conhecer a realidade brasileira imediata e se indagar por que ela existe de tal forma é o gancho, através do qual cada estudante vai sendo despertado para um acervo de conhecimento que transcende os limites da sala de aula.

Há um encadeamento histórico que ele aprende a trilhar. E como consequência desse processo didático-pedagógico aplicado à Arquitetura se consolida a concepção de que ensinar e aprender é participar, ter dúvidas e buscar as respostas onde elas estiverem.

Uma estratégia que rompe com o modelo de ensino da Arquitetura centrado no ateliê dos grandes mestres. Na área de Projeto, outro exemplo: o estudante começa a brincar com os volumes, a recuperar sua sensibilidade perante o espaço que tem qualidades que podem ser sentidas.

É uma relação lúdica que se estabelece e que vai fundamentalmente promover nesse aluno a dúvida, a reflexão, o discernimento. Vai incentivar a pesquisa, a indagação e o debate.

Para aferir essas pequenas revoluções interiores os professores recorrem aos trabalhos escolares que, afirmam, rompem com um velho estereótipo, o "a priori" do bom projeto. A postura de que fazer Arquitetura é desenhar um projeto passa a ser apenas mais uma opção sobre como entender a profissão.

Esse potencial de dúvida e resposta vai sendo trabalhado e catalizado ao longo do curso, para encontrar no sexto período cargas específicas destinadas à pesquisa em uma das quatro interfaces didáticas em que se apoia a graduação.

Formar um aluno habituado a pensar e discernir ajuda a romper também com o falso dilema da criação de escolas regionais versus escolas nacionais. Um profissional diplomado em São Carlos vai estar apto, pelo conteúdo de suas disciplinas e pela estratégia pedagógica adotada, a trabalhar realidades diversas pelo simples fato de que ele aprendeu a identificar um problema e buscar as respostas.

Porque sua formação não terá sido calcada em cima da absorção acrítica de "macetes e cacoetes" profissionais mas em torno da reflexão, do questionamento.



Gelson Almeida

Desbancar um falso problema, ou onde fica a tecnologia?

Um curso que nasce de uma escola de Engenharia tradicional com forte conteúdo tecnológico como a de São Carlos dificilmente prescindiria desse aspecto. E nem podíamos querer que isso acontecesse pois seria negar uma realidade inerente não à escola mas à própria Arquitetura.

Não há conflitos entre aspectos que se interpenetram e se complementam em uma concepção que pretende exatamente resgatar essa interdisciplinaridade. A ideia de se criar um curso de Arquitetura em São Carlos surgiu num grande fórum de debates promovido pelos estudantes em 1968.

A ideia era de, através da Arquitetura, cravar uma cunha que abrisse espaço para as Ciências Humanas em escolas marcadas pelas Exatas. Uma briga que a direção da escola comprou ao longo destes anos todos e que se efetiva num momento em que o país vive uma grande expectativa de democracia.

Essa abertura para as Ciências Humanas demonstra exatamente qual é o enfoque dado à questão tecnológica, encarada ali como algo inquietante e investigativo. Tanto que tem havido uma grande troca de informações e muitos professores são chamados para participar de aulas e debates promovendo a interação e reciclagem necessárias.

Isso significa que a tecnologia não vem em pacotes fechados mas vai sendo inserida no contexto do curso segundo as próprias exigências didáticas. Computação e Informática Aplicada à Arquitetura é por exemplo uma disciplina que vai sendo introduzida junto com a Matemática, Hidráulica, Cálculo, sem que se constituam massacre ou assuntos maçantes.

Há interfaces que são trabalhadas em todos os seus aspectos, o que torna o curso interessante, cuja perspectiva é, com base histórica e científica, projetar as questões para o futuro.

Neste semestre, a Faculdade recebeu a segunda turma e completou um quadro de 60 alunos. Os primeiros diplomas serão entregues em 1990 e nesse tempo os professores acreditam que tanto o projeto quanto a equipe deverão amadurecer seus preceitos básicos.

A cada nova turma novos professores serão incorporados até que o ciclo se feche com a primeira formatura. A preocupação de que a escola não seja encarada como um projeto fechado, dominado apenas por um grupo de amigos, tem levado à contratação de professores pelo que eles podem oferecer, não por titulação formal.

Isso significa que a cada novo concurso, os interessados enviam um projeto de trabalho para a disciplina. O que conta, então, não é o peso de seu currículo mas a maneira como pretendem abordar e trabalhar sua área específica e como isso se articula com todo o projeto do curso.

O que vale não é a mera afinidade pessoal mas a ética intelectual. Isso permite que a convivência de visões díspares enriqueça um projeto que fundamentalmente se quer democrático. E que surge como síntese das experiências brasileiras no ensino de Arquitetura nas duas últimas décadas.



Azael Camargo